

Pichação e Grafite: Formas de Comunicação¹

Mariana Lienemann RAMIRES²
Regina Tavares de MENEZES³
Fábio CIQUINI⁴

Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP

RESUMO

O grafite e a pichação fazem-se presentes em nossa sociedade há longa data, enquanto um ganhou o *status* de arte, o outro é visto como sujeira; porém, tanto um quanto outro possuem intenções comunicativas. Utilizando esta reflexão como base, o presente trabalho tem como objetivo analisar de que modo a pichação e o grafite atuam como objetos comunicantes. Para tal, buscamos por fatores históricos e culturais que nos levam a compreender estas ações como forma de comunicação, bem como sua importância na sociedade. O estudo foi baseado nos fundamentos das teorias da comunicação que tornaram possível a compreensão dos objetos de estudo como formas de comunicação. A pesquisa foi realizada em âmbito bibliográfico e exploratório, com aplicação das técnicas de análise de conteúdo, observação e levantamento bibliográfico. Ao término do estudo, foi possível entender a maneira como a pichação e o grafite atuam como objetos comunicantes e os fatores que influenciam na sua percepção pelos receptores.

Palavras-chave: Comunicação, grafite, pichação, São Paulo, sociedade.

INTRODUÇÃO

A necessidade de comunicar-se é algo intrínseco ao ser humano, desde o princípio da história da humanidade foram registradas formas de se comunicar e interagir com outros seres, um dos mais valiosos registros destas ações são as pinturas rupestres que surgiram no decorrer da pré-história e até hoje fascinam estudiosos e entusiastas do assunto.

Conforme a sociedade foi se desenvolvendo e novas formas de comunicação foram ganhando espaço a ação de trazer para o campo visual aquilo que falamos, pensamos e sentimos mantem-se como uma das formas mais eficazes de transmitir informações para outras pessoas. Outro marco para a comunicação foi o

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais, do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante do sétimo período do curso de Jornalismo na Universidade Cruzeiro do Sul.

³ Profª. Drª. Regina Tavares de Menezes. Orientadora, professora e coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul.

⁴ Prof. Dr. Fábio Ciquini. Coorientador.

desenvolvimento da escrita que passou por formas de escrita cuneiformes, hieróglifos, runas entre outros até tornar-se a escrita tal como a conhecemos hoje.

Estes dois exemplos nos mostram que assim como estamos em constante evolução as formas que utilizamos para nos comunicar também nos acompanham neste movimento. Como já dizia Lavoisier “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, ainda vemos nas formas de comunicação atuais resquícios das utilizadas por nossos antepassados. Um fato que ilustra este raciocínio é que a base das letras utilizadas nas manifestações populares conhecidas como pichação tem origem, em sua maioria, nos alfabetos rúnicos, assim como o meio pelo qual a mensagem é transmitida remete à pintura rupestre, pigmento sobre parede.

Com estes fatos, chegamos a um ponto de importância no presente estudo ao qual cabe uma breve reflexão sobre as vias pelas quais a comunicação se dá atualmente em nossa sociedade.

Vivemos em um mundo modificado pela tecnologia, cada vez mais estabelecemos contato com o outro através de canais eletrônicos seja por meio da troca de mensagens ou pelo recebimento da informação através de sites voltados a essa finalidade. Em meio a este cenário tecnológico, outras formas de comunicação se mantêm presentes e influentes no meio em que vivemos, estas variam desde as formas tradicionais, como jornais impressos, a comunicação alternativa desenvolvida por moradores e artistas advindos das periferias.

Ao andar por São Paulo visualizamos formas de expressão em meio aos muros cinzas e retilíneos de suas construções. Pichações e murais de grafite deixam de ser somente letras estilizadas e pinturas coloridas tornando-se uma característica do espaço e da comunicação popular na cidade de São Paulo.

Como toda forma de comunicação, a interpretação do conteúdo externado varia conforme a bagagem cultural e social do receptor podendo assim gerar diferentes percepções e causar diversas reações. Entre os questionamentos gerados por esta diferença de percepção, sobressai a questão das finalidades do grafite e do picho, alguns os consideram arte, outros uma afronta, mas um ponto em comum que não nos passa despercebido é que ambos têm em sua essência a intenção de comunicar, transmitir uma mensagem àquele que possuir acesso a tal informação.

Ao buscarmos a história destes dois movimentos podemos notar que sua chegada ao Brasil ocorre por vias opostas. Enquanto a pichação surge de maneira mais intensa

durante o período da ditadura militar como forma de protesto contra o governo, o grafite se estabelece em São Paulo, no final da década de 70, como uma forma de educar e inibir os pichadores. Desta forma podemos compreender como a base da comunicação que gera a separação entre arte e sujeira, no contexto grafite e picho, é instaurada. (PEREIRA, 2007, p.226)

Por mais que as intenções sejam vistas de formas opostas, o princípio básico por trás destas manifestações permanece o mesmo: Comunicar, transmitir aos outros uma determinada mensagem que pode, ou não, ser compreendida plenamente através dos rabiscos ou das gravuras estampadas nos muros da cidade.

Levando em conta os recentes posicionamentos políticos no que diz respeito à estas questões, trazemos a este trabalho as divergências de entendimento a respeito de tais manifestações. Para alguns, estudiosos e moradores da cidade de São Paulo, tanto o picho quanto o grafite são considerados arte, formas de expressão valiosas e características da cultura paulistana que são consideradas de importância para todo o mundo. Outros, no entanto, acreditam que ambos não passam de uma forma de afrontar e sujar a paisagem urbana.

Diante disso, em ação polêmica, a prefeitura de São Paulo iniciou em sua gestão a busca por uma cidade limpa, que em sua visão, não condiz com uma cidade onde picho e grafite marcam presença. Após apagar recentemente murais de grafite a céu aberto e diante da repercussão, a prefeitura voltou atrás no que diz respeito ao grafite, elevando-o ao status de “arte” e permitindo sua realização mediante autorização prévia, por outro lado, o picho teve confirmado seu status de “sujeira” e ações agressivas de combate foram instauradas.

É importante ressaltar que perante o Projeto de Lei (PL) 56/2005, resgatado e sancionado pela presente gestão, tanto o picho quanto o grafite não autorizado tornam-se passíveis de sanções o que nos leva a entender que mesmo sendo colocado em um patamar de manifestação artística o grafite ainda é percebido como uma forma desagradável de manifestação cultural.

Diante disso, restam alguns questionamentos. Como o grafite e a pichação são percebidos nos dias atuais? Grafite e picho passam a ocupar a categoria de “sujeira e vandalismo”? O grafite ainda é visto como uma forma de educar os pichadores? Como a sociedade se posiciona perante estas práticas? De que forma estas ações atuam como meios comunicadores?

Para auxiliar na resposta a estes questionamentos, buscamos realizar uma análise aprofundada a respeito destas perspectivas tendo como base a *folkcomunicação* e o contexto atual do picho e grafite em São Paulo.

OBJETIVO

Este projeto tem como objetivo compreender de que forma o grafite e a pichação se colocam como expressões comunicativas. Para isto abordamos uma perspectiva histórica destas ações na cidade de São Paulo.

Na intenção de abranger os aspectos envolvidos neste trabalho, buscamos referências em pesquisas realizadas nas variadas áreas do conhecimento. Foram utilizados estudos que vão da comunicação até o âmbito da antropologia e psicologia. Entendemos que cada área do conhecimento contribui para o enriquecimento da pesquisa realizada e, por tanto, uma vez que compartilham do mesmo objeto de estudo, devem ser consideradas.

No campo teórico referente a área da comunicação, concentramos a pesquisa na visão de nossos objetos de estudo sob as teorias da comunicação, em específico a *folkcomunicação*. Entendemos que a presente teoria supre as necessidades de estudo do trabalho, uma vez que tem como base a reflexão sobre os fenômenos urbanos e a forma como estes atuam na sociedade.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa em questão, realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema proposto. Desta forma utilizamos livros, artigos e documentários que abordam o tema “Pichação e grafite”. O material selecionado foi fichado e estudado de forma aprofundada.

Também foi realizado um levantamento das leis “antipichação”, que para o presente tema são consideradas de grande importância, pois determinam a normativa para realização de ações como o grafite ao mesmo tempo em que criminalizam a pichação.

Uma captação de dados foi realizada tendo como base a Lei de Acesso a Informação, para consulta junto à Secretaria das Subprefeituras de São Paulo.

Desta forma, a pesquisa foi realizada em âmbito bibliográfico e exploratório, com as técnicas de análise de conteúdo, observação e levantamento bibliográfico aplicadas a dados primários e secundários.

FOLKCOMUNICAÇÃO

Para compreender este movimento, buscamos na *folkcomunicação*, teoria da comunicação desenvolvida por Luiz Beltrão, a base para refletir sobre estes fenômenos urbanos e seu impacto na sociedade. Também serão utilizados estudos de outras áreas do conhecimento, tais como psicologia, pedagogia, antropologia e artes plásticas, complementando e possibilitando uma visão ampla destas manifestações.

É notável a relevância deste estudo nos dias atuais tamanha a proporção que o tema central proposto vem ganhando na mídia. Por se tratar de um estudo voltado ao campo visual grande parte da produção específica sobre o tema “Picho e Grafite” foi localizada em documentários que abordam esta temática. Este fato vem reforçar a importância do estudo destas manifestações através do olhar da *folkcomunicação* uma vez que ambos possuem a premissa de dar voz as massas. Desta forma, para dar sequência faz-se necessário compreender o que é e como surgiu a *folkcomunicação*.

Esta teoria da comunicação foi desenvolvida por Luiz Beltrão, jornalista, escritor e pesquisador brasileiro. Com esta o autor busca no folclore e na cultura do povo um canal importante de comunicação. Com o passar dos anos esta teoria foi sendo desenvolvida e passou a ser estudada e abordada por diversos autores sendo tratada como a forma de conhecimento da comunicação das massas. (SILVA, 2011, p.27)

Com isso, também levamos em consideração a noção de que a comunicação popular deve ser percebida em sua totalidade, não somente através das formas convencionais de comunicação. Para isso, deve-se buscar uma análise dos processos além dos meios de comunicação tradicionalmente aceitos pela sociedade. (PERUZZO, 2004, p.113)

Diante destes fatos vemos que para compreender os questionamentos abordados no presente projeto, devemos perceber a comunicação através de uma visão oposta, ou seja, observando o movimento que ocorre quando a massa comunica algo à elite. Com a finalidade de alcançar este objetivo, faz-se necessário estabelecer uma noção de massa

estudada, neste caso entendemos por massa aqueles que normalmente são atingidos pela comunicação em vias usuais, podendo também serem entendidos como “povo”.

Por sua vez o povo torna-se o principal responsável pela produção da comunicação popular, através de suas ações passa a estabelecer uma relação de oposição a mídia elitizada, transmitindo através de formas alternativas sua visão e postura diante de fatos do cotidiano. (PERUZZO, 2004, p.127)

Com isso, percebemos que mesmo que o Grafite e o Picho em suas essências sejam formas de comunicação também notamos um esforço por parte de produções midiáticas alternativas para divulgar e fazer a voz do povo ser ouvida nas grandes mídias.

GRAFITE

Ao utilizar a via 23 de maio, uma das principais conexões norte-sul da cidade de São Paulo, podemos notar a presença de murais coloridos ao longo de parte de sua extensão. As obras ali presentes foram desenvolvidas por artistas que fazem do grafite sua forma de expressão.

O grafite tem sua história datada da década de 60 e iniciada na França como uma forma de protesto político desenvolvida pela sociedade da época. Para alcançar este efeito, eram realizadas as intervenções nos muros da cidade utilizando de frases como forma de protestar contra o cenário político difundindo assim ideias contrastantes a sua época. (LARA, 1966)

Já na década de 70, o movimento começa a ganhar força nos Estados Unidos da América e no Brasil, porém isso se dá de formas opostas. Conforme Ceará e Dalgalarondo o movimento do grafite nos EUA é visto como uma prática cultural associada aos jovens do gueto e através da mesma estes jovens buscam exteriorizar características da cultura *Hip Hop*. (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008, p.278).

No Brasil, por sua vez, o grafite é recebido como uma forma de educar e controlar os pichadores. As primeiras manifestações foram percebidas no final da década de 70 e eram baseadas nos trabalhos com máscaras, um tipo de molde através do qual é realizada a pintura. Eram, em sua maioria, frases de efeito e poéticas pintadas nos muros da cidade. No final dos anos 80 o grafite de raiz americana, anteriormente citado, começa a ganhar espaço nos muros de São Paulo com seus desenhos coloridos e referências a cultura *Hip Hop*. (PEREIRA, 2007, p.227)

Com estas intervenções menos agressivas, o grafite passa a ser considerado como uma intervenção artística, um fato importante sobre esta percepção foi a realização, durante os anos 80, de uma série de exposições no Museu de Arte Contemporânea da USP e na bienal de artes onde as principais obras eram intervenções realizadas por grafiteiros. (TAVARES, 2009, p.23)

Por trás deste viés artístico, podemos perceber que o grafite possui em sua essência a necessidade de comunicação, de transmitir ao outro uma mensagem. Com isso, os grafiteiros buscam nos espaços urbanos a abertura para realizar a transmissão de sua mensagem, os muros da cidade passam de construções a veículos de comunicação semipermanente de uma história. Muito se discutiu sobre como as novas tecnologias influenciariam nesta questão e hoje podemos notar que as mesmas funcionam como uma forma de intensificar o alcance destas obras. Antes somente quem possuía acesso a determinada área conseguia visualizar a intervenção. Com a divulgação realizada através da internet, seja através de sites voltados ao assunto ou de documentários independentes produzidos e disponibilizados na rede, o conhecimento de a visualização das obras deixa de ocupar somente o espaço local para conquistar visualizações em diversas outras localidades. (TAVARES, 2009, p.23)

Devido a esta expansão, grafiteiros brasileiros ganharam as ruas, e os muros, do mundo. Neste meio é comum escutar referências às obras realizadas pela dupla “Os Gêmeos” e por artistas como o Kobra. Com isso, notamos que o grafite é percebido pela sociedade como uma manifestação artística e que ao ganhar o status de arte o mesmo torna-se socialmente aceito.

PICHAÇÃO

Parte integrante do cenário paulista, as pichações aqui realizadas são tidas como referência para pichadores de todo o mundo. Este movimento vem cada vez mais ganhando força na cidade e visibilidade no mundo, em partes podemos atribuir esta visibilidade a internet e ao circuito alternativo de vídeos, responsável por grande parte da produção documentada sobre o contexto histórico desse assunto.

O primeiro importante registro das pichações em São Paulo, data da época da ditadura militar e ilustra a luta social pela busca de direitos e a reivindicação popular. É importante notar que desde o princípio a pichação carrega a característica de afronta,

uma imposição da voz da população para com a elite da cidade. (PEREIRA, 2007, p.225)

Com o passar do tempo as características da pichação deixam de ser voltadas as reivindicações e passam a serem tratadas como uma afronta à sociedade. Conforme discurso de diversos pichadores entrevistados para o documentário “Pixo”, pichar é uma forma de afrontar, de levar para os grandes centros a cultura das periferias e mostrar-se presente como parte integrante daquela sociedade.

No mesmo documentário, vemos que a pichação é tida como uma forma de comunicação interna, ou seja, de pichador para pichador. Os símbolos pichados derivam, em partes, do alfabeto rúnico sendo possível estabelecer algumas referências entre o formato e angulação das letras utilizadas no ato de pichar. Com esta “padronização”, a pichação não é facilmente entendida por aqueles que não fazem parte deste meio. Geralmente, a população leiga neste assunto visualiza somente rabiscos enquanto a população integrante do meio consegue distinguir dados sobre o pichador e aqueles que fazem parte dos mesmos grupos.

Diante disto, é importante abordarmos o conceito de *grife*. As grifes são grupos de pichadores que se identificam sob um mesmo símbolo. São consideradas uma instituição familiar dentro do mundo do picho, onde aqueles que participam da mesma grife possuem a missão de torna-la conhecida e respeitada entre os demais, bem como proteger e garantir que pichações realizadas pelos integrantes sejam respeitadas por outras grifes. Estes grupos também atuam de forma a proteger os integrantes, porém são motivação para rixas entre os mesmos. Uma vez membro de uma grife, o pichador automaticamente “compra” para si as amizades e inimizades destes grupos, desta forma é normal ver grifes opostas “atropelando” a pichação umas das outras. (PEREIRA, 2007, p.239)

Desta forma, vemos que a pichação envolve aspectos sociais, culturais e políticos. Diante destes fatos também compreendemos que esta ação busca comunicar algo a alguém, tendo na agressividade uma forma de comunicação ligada a movimentos culturais de contracultura e rebeldia.

LEI “ANTIPICHAÇÃO”

Por ser considerada visualmente agressiva, a pichação vem sendo tratada de forma judicial pelas gestões da cidade de São Paulo. Recentemente foi sancionada uma

lei que prevê multa de R\$5000,00 àquele que for pego realizando o ato caso não retire a pichação em um prazo de 72 horas. Não é de hoje que os órgãos públicos têm ações semelhantes no que diz respeito a esta manifestação.

A Lei nº12.408, de 25 de maio de 2011, altera o artigo 65 da Lei ambiental nº9.605 de fevereiro de 1998 que caracteriza a pichação como crime ambiental e prevê pena de detenção e multa àqueles que forem pegos realizando tal ação e aos que comercializarem a tinta spray sem controle de venda e para menores de 18 anos.

A mesma lei também prevê esta sanção a quem realizar obras de grafite sem autorização prévia. Neste caso podemos notar que mesmo sendo considerado uma manifestação artística, o grafite ainda é visto como um braço da pichação e acaba, de certa forma, ficando sujeito as mesmas leis.

Em setembro de 2017, a lei “antipichação” voltou a ser discutida, mas dessa vez o foco não foi sua aplicação, e sim o seu conteúdo considerado inconstitucional por uma parcela dos vereadores de São Paulo. Para este grupo, tanto a pichação quanto o grafite são formas de arte e, portanto, devem ser vistas como tal e não como delitos passíveis de punição com a restrição da liberdade.

Com base na Lei de Acesso a Informação, solicitamos junto à Secretaria das Prefeituras Regionais o número de atos enquadrados nos itens D e E do PL 56/2005. Durante o ano de 2017, foram lavrados um total de 106 autos de multa enquanto que nos cinco primeiros meses de 2018 foram lavrados 20 atos.

CONTEXTO ATUAL

Diante destes fatos, uma ação polêmica foi notada na cidade de São Paulo, a atual gestão em sua busca por uma “cidade linda”, apagou obras de grafiteiros renomados que estampavam os muros na extensão da Avenida 23 de maio. Esta ação incitou a população simpatizante desta manifestação que por sua vez tomou as redes sociais e a mídia tradicional com protestos a favor da manutenção destes murais.

Esta ação nos permite notar que mesmo que perante a lei pichação e grafite sejam considerados similares, parte da população compreende estas manifestações de forma contrária. Alguns artistas se pronunciaram através de suas redes sociais sobre esta ação, até mesmo entre estes houve divergência de ideias uma vez que para alguns o grafite e a pichação são formas de arte atemporal e para outros elas apresentam certa validade.

Em corrente oposta as ações tomadas com a remoção dos murais de grafite, a prefeitura notou nesta forma de comunicação a saída para transmitir informações à população que não tem acesso aos meios tradicionais e/ou não é alfabetizada. Diante da necessidade de comunicar a criação dos PATs, centros de acolhida destinados à população em situação de rua com animais de estimação, a prefeitura optou por um plano de comunicação utilizando o ambiente no qual o seu público alvo está inserido, as ruas de São Paulo.

Para realizar esse plano de divulgação, o grafite foi escolhido como meio e os viadutos e muros da cidade como veículo de comunicação. Diversos grafiteiros renomados foram chamados para grafitar nos locais indicados cenas que mostrem os moradores de rua e seus animais de estimação abrigados no novo centro de acolhida. A ação foi divulgada pela prefeitura nas salas de cinema da cidade de São Paulo, por meio de um vídeo que mostrou o processo de elaboração e pintura dos murais.

PICHAÇÃO E GRAFITE EM DUBLIN

Sabemos que a interpretação de determinada forma de comunicação é influenciada pelo contexto social e cultural no qual o receptor está inserido. Assim, sendo a cultura mutável e variável conforme tempo e espaço, a reação do indivíduo tende a se basear na percepção adquirida com base na cultura de sua sociedade. Desta forma, as percepções sobre nossos objetos de estudo variam conforme a cultura daqueles que recebem sua mensagem.

Ao andar pelos bairros boêmios de Dublin, cidade Irlandesa, notamos a presença de diversos grafites, por vezes cobrindo todo o exterior de prédios. O grafite é percebido como manifestação artística rica e valorizado pela sociedade, mas mesmo sendo visto sob esta ótica, sua realização ainda está submetida a uma rígida legislação.

Para criar um mural de grafite é necessário que o proprietário do muro/imóvel e o artista solicitem a permissão junto aos órgãos legais. Somente com a permissão devidamente concedida a intervenção poderá ser realizada.

Assim como notamos a existência de murais de grafite, facilmente foi percebida a existência de pontos comuns de pichação, sendo eles próximos ao leito dos rios, em locais abandonados, tapumes e estruturas de contenção e latas de lixo. Neste ponto identificamos diferenças entre a pichação das ruas irlandesas e as encontradas em São Paulo. Diferente das pichações brasileiras, as cores utilizadas para o picho nas ruas de

Dublin são variadas, de tons de azul a tons de rosa. As letras são menos angulares e mais fluídas e a compreensão do que foi escrito é mais simples. No que diz respeito a percepção desta forma de comunicação, assim como ocorre em São Paulo, a pichação em Dublin é vista como um ato de vandalismo contra o patrimônio público e privado e, portanto, passível das devidas punições perante a lei.

Uma hipótese para a similaridade entre as formas de pichação identificadas nas duas cidades é a de que, por Dublin ser uma cidade que abriga diferentes culturas e ter se tornado o foco do fluxo migratório na Europa, temos o favorecimento de manifestações culturais distintas às originárias daquela determinada região.

Apesar de serem claramente percebidas de formas opostas, não existe no dicionário inglês um termo específico que diferencie a pichação do grafite, ambos são conhecidos como *graffiti*.

DISCUSSÃO

Durante as análises realizadas, foram identificados pontos de semelhança entre os dois objetos estudados no presente trabalho: ambos utilizam os mesmos meios e o mesmo “veículo” de transmissão de informação, têm sua origem em movimentos de resistência de minorias sociais e têm como princípio básico a transmissão de uma informação. Apesar das semelhanças, dois fatores de diferença importante podem ser identificados com principais motivadores da diferença de percepção entre o grafite e a pichação: a permissividade e a noção de belo.

Tanto o grafite quanto a pichação são manifestações culturais identificadas primeiramente em movimentos sociais de minoria, como o movimento Hip Hop, nos guetos norte-americanos e as manifestações culturais contrárias ao regime político dominante, como no caso da Ditadura no Brasil. Ambas formas de comunicação utilizam o mesmo material e a mesmo veículo de transmissão da mensagem, porém na sua composição já é possível identificar diferenças. Enquanto as letras e formas do grafite se assemelham aos componentes utilizados em composições artísticas por serem mais trabalhadas, fluídas e com componentes artísticos como jogo de cores, luz e sombra e profundidade, as letras pichadas geralmente são apresentadas de forma monocromática e com linhas retas dispostas em variados ângulos, o que para autores como Spinelli e Fernandes tem relação com o tempo despendido para realização da gravura. Para a elaboração de um grafite é dedicado um tempo de planejamento e

estruturação, enquanto para a pichação o tempo é ditado pelo momento, local e policiamento. A combinação destes fatores que compõe o objeto comunicante faz com que a sensação de observar um grafite torne-se mais agradável e nos leve a vivenciar a experiência semelhante à de observar uma obra em uma galeria de arte.

Esta questão nos leva ao outro ponto de diferença considerado primordial para estabelecer a relação entre a forma de comunicação e a sua percepção: a noção de permissividade. Enquanto o grafite é visto como uma forma de educar os pichadores a pichação tem seu status de sujeira e ilegalidade reforçado constantemente pelo contexto no qual está inserida. Como mencionado no documentário “Pixo”, os rabiscos são feitos na intenção de incomodar e marcar presença, logo sua realização não é amparada pela lei e pela noção moral de correto. Para Spinelli, esta característica se torna mais forte ao levarmos em conta o caráter noturno da atividade da pichação.

“A predominância do caráter noturno na atividade de pichação colabora com a marginalização da prática, ou melhor, a marginalização da pichação obriga à ação noturna. Vem ao caso, que o uso da cidade durante a noite é reservado aos boêmios, aos ladrões, aos moradores de rua, e a outras “espécies” não tão gratas de habitantes da cidade” (SPINELLI, 2007)

Logo, temos lado a lado uma manifestação cultural visualmente agressiva e ilegal e outra manifestação cultural de mesmo princípio, porém visualmente agradável e, em dados momentos, em conformidade com a lei, percebidas por uma sociedade cujo coletivo inconsciente designa papéis às ações baseados em sua cultura. Assim sendo, uma vez que a sociedade está em constante transformação, a percepção sobre estas duas formas de comunicação sofre uma variação conforme o contexto em que estão inseridos e as noções de permissividade e beleza das pessoas, que por sua vez são o componente vivo do local em que as ações são realizadas.

CONCLUSÃO

Com base nas referências adotadas e na análise detalhada do conteúdo levantado, é possível concluir que a pichação tem seu status de “sujeira” confirmado, enquanto o grafite deixa de ser somente uma forma de educar os pichadores para ser também obra de arte tal qual as presentes em grandes galerias.

“Há uma predileção do público pelo grafite, especificamente por ser colorido e entendido como a arte das ruas. Essa arte já vem sendo reconhecida e acolhida por

museus como o de Los Angeles – 2001 (...) Esse acolhimento leva-nos a crer que a aceitação se dá porque os grafiteiros se inserem dentro das normas que essas instituições determinam para receber o produto.” (FERNANDES, 2011).

Desta forma, concluímos que os dois objetos estudados atuam de forma a comunicar de maneira eficaz, utilizando como veículo de transmissão a estrutura arquitetônica da própria cidade, e assim como as demais formas de comunicação a interpretação da mensagem é baseada na bagagem cultural e social e na percepção de ética, lei e moral daquele que a recebe.

Assim sendo, entendemos que cada receptor é um ser único e o entendimento da mensagem recebida varia conforme sua concepção de mundo e o meio no qual está inserido.

REFERÊNCIAS

CEARÁ, A.; DALGALARRONDO, P. **Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação.** Psicologia USP, São Paulo: Julho/Setembro 2008. p. 277 – 293.

DUPRET, L.: **Subjetividade e arte de rua: 100% graffit.** Revista semestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional (ABRAPEE) – Vol. 12, nº2 – Julho/Dezembro de 2008. p. 413-421.

FERNANDES, E. M. F. **Pichações: Discursos de resistência conforme Foucault.** Acta Scientiarum. Language and Culture, Vol.33, Núm.2, 2011, PP 241-249, Universidade Estadual de Maringá – Brasil.

PEREIRA, A. B. Pichando a cidade: Apropriações “impróprias” do espaço urbano. In: **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** 1ª edição. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2007. p.225 - 246.

PERUZZO, C. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

PERUZZO, C. K. **Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas.** Revista Fronteiras – estudos midiáticos – Vol.11, nº1 – Janeiro de 2009. p. 33 – 43.

PIXO, Produzido por: João Wainer, Roberto T. Oliveira - 2010.

SILVA, S. T. M. **Teorias de comunicação nos estudos de relações públicas.** [Recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 102 p.

SPINELLI, L. **PICHAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM CÓDIGO SEM REGRA.** LOGOS 26: COMUNICAÇÃO E CONFLITOS URBANOS. 1º SEMESTRE 2017.

TAVARES, A. **Ficções urbanas: estratégias para ocupação das cidades.** ARS, ano 7, nº16. p. 21-30.